

NOS 40 ANOS DO TRATADO DE AMIZADE E CONSULTA

Embaixador Antonio de Faria

Foi com grande emoção que no ocaso da vida reentrei nesta sala majestosa do Real Gabinete Português de Leitura, evocativa ao mesmo tempo do patriotismo dos portugueses do Brasil e da sua dedicação ao grande país que fraternalmente os acolheu. Vim aqui pela primeira vez há mais de 62 anos, quando era 2º Secretário da Embaixada de Portugal, e à frente do Gabinete e da Federação das Associações Portuguesas do Brasil se encontrava a figura tutelar e veneranda do Comendador Albino de Souza Cruz, a cuja memória preste sentida homenagem.

Agradeço ao atual e prestigioso Presidente das duas organizações, o meu muito prezado amigo Dr. Antônio Gomes da Costa, que há anos vem dedicando a sua múltipla atividade ao fortalecimento da amizade luso-brasileira, as palavras tão generosas que me dirigiu. É com a maior satisfação que, convidado pelo Governo Brasileiro e pelo Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, D. Luís da Costa de Sousa de Macedo, venho, provavelmente pela última vez, ao Brasil, por ocasião do 40º aniversário do Tratado de Amizade e Consulta, que tive a honra e o privilégio de assinar em nome de Portugal.

Ligado ao Brasil por laços de profundo afeto, vem de longe a minha simpatia e admiração por este país. Nascido numa das províncias de Portugal de forte emigração, onde a presença do Brasil é mais sentida, aqui iniciei a minha carreira diplomática e aqui tive a minha primeira grande Embaixada num período particularmente feliz das nossas relações, em que sobressaem, além do Tratado de Amizade, o apoio firme e decidido do Brasil na questão de Goa e as visitas triunfais dos Presidentes Café Filho e Juscelino Kubitschek

a Portugal e do Presidente Craveiro Lopes ao Brasil, quando eram ainda raras ou menos frequentes as visitas de Chefes de Estado.

O Tratado de Amizade e Consulta, assinado nesta cidade em 16 de Novembro de 1953, foi precedido, nove anos antes, pelo projeto de Estatuto dos Portugueses do Brasil, apresentado à consideração do Governo Português pelo então Embaixador do Brasil em Lisboa, Dr. João Neves da Fontoura, um grande brasileiro e um grande amigo de Portugal. O Dr. Salazar, à data M.N.E. de Portugal, ao agradecer a iniciativa e intenção do Governo brasileiro, sugeriu que era preferível, em vez de um ato unilateral, um acordo bilateral numa base de reciprocidade, muito embora tal reciprocidade fosse de certa maneira pouco mais que simbólica, pois nessa altura havia uma forte corrente de emigração portuguesa para o Brasil, que não tinha, nem poderia ter, dada a dimensão dos dois países, correspondência quantitativa ao número de brasileiros em Portugal.

As negociações que seguiram não chegaram a bom termo e o golpe de Estado que afastou do poder o Presidente Getúlio Vargas, em 1945, não permitiu então a sua conclusão. Em 1951 ou 52, por iniciativa do Embaixador João Neves da Fontoura, então Ministro das Relações Exteriores do Presidente Vargas, regressado ao poder nas eleições de 3 de outubro de 1950, foram reatadas as negociações para o Tratado que viria a ser chamado de Amizade e Consulta. O Embaixador João Neves da Fontoura já não estava no Itamaraty quando o seu sucessor, Dr. Vicente Rao, Professor da Faculdade de Direito de S. Paulo assinou o Tratado, mas neste momento em que comemoramos os 40 anos daquele instrumento diplomático é justo relembrar o seu nome, porque ao Embaixador João das Neves de Fontoura se deve em grande parte a celebração do Tratado.

Congratulo-me por ter tido a feliz oportunidade de pôr o meu nome no Tratado de Amizade e Consulta e pelos benefícios que dele derivaram para os portugueses do Brasil que tanto admiro e estimo.

O meu maior desejo é que o Tratado ou o seu espírito constituam fonte de inspiração nas relações dos dois países, por todas as razões e até porque com amizade e consulta todas as questões entre Portugal e o Brasil se poderão sempre resolver favoravelmente.

Quero ainda relembrar, com uma palavra de gratidão e muito apreço, que durante os sete anos da minha Embaixada no Rio de Janeiro sempre pude contar com o inteiro apoio e solidariedade do Conselho da Colônia e de todos os portugueses do Brasil, que foram, afinal, os meus melhores colaboradores na política de amizade luso-brasileira.